

O Mundo em Português N°3

Dezembro 1999

A Terceira Purga

Manuel Delgado

Depois de uma purga no Governo de Cabo Verde, prepara-se agora uma no partido no poder. É uma crise típica de partidos únicos.

O que se passou recentemente em Cabo Verde com o Governo, e certamente se irá passar em breve com o partido no poder, é uma crise típica de partidos únicos e tem um nome: purga. E é a segunda desde que o MpD (Movimento para a Democracia) assumiu o poder em 1991.

Em 1993, a facção liderada pelo ministro da Justiça da altura, Eurico Monteiro, e também integrada pelo então ministro dos Estrangeiros, Jorge Fonseca, fez cisão e deu origem, em 1994, ao PCD (Partido da Convergência Democrática), hoje com um deputado no leque parlamentar. Os fundadores do PCD recusaram o quadro clientelar teorizado em convenção nacional pelo então embaixador em Lisboa, Eugénio Inocêncio (desnacionalizar a economia para a enquadrar por empresários próximos do MpD), mas não conseguiram até agora implantação para deixarem de ser um pequeno partido de quadros, nem ultrapassar os traumas de uma anterior purga (em 1979, no PAIGC) e desenvolver sinergias que dessem finalmente voz à oposição.

Agora não se trata de recusar um quadro, mas de avaliar as consequências duma das vias possíveis de abertura ao mercado da economia cabo-verdiana - tendo como pano de fundo a sucessão do líder partidário e primeiro-ministro, Carlos Veiga, que se prepara para deixar o Governo e o partido no primeiro semestre do próximo ano, de modo a concorrer às presidenciais de 2001.

O presidente da Assembleia, António Espírito Santo, e o autarca da capital, Jacinto Santos, ambos fundadores do MpD e membros da sua Comissão Política, que deram origem à purga, acusam o MpD de estar a usar as alavancas económicas e o aparelho de Estado, não só para submeter a oposição e toda a sociedade, mas também para regular os jogos internos. E dão voz ao ressentimento da nascente classe empresarial cabo-verdiana face à entrega da quase totalidade dos sectores relevantes a interesses portugueses - expressa de forma mordaz: «Banco Tuta & Assesores», para designar o vice-primeiro-ministro Gualberto do Rosário (Tuta) como alto-comissário de uma certa forma de neocolonialismo.

Tendo em conta a relativa estabilidade social de Cabo Verde, talvez a actual crise termine como a anterior, indo Jacinto Santos e a sua facção juntar-se ao PCD, com cujos dirigentes tem antigas afinidades pessoais. Mas o desgaste político será seguramente maior, até porque nos dois terços do segundo mandato a frescura política já não é a mesma. O nervosismo de Carlos Veiga, expresso na decisão de processar criminalmente a oposição e a imprensa se fizerem uso das acusações de corrupção do até agora presidente da Assembleia Nacional, é disso claro reflexo. É como se dissesse: *"a guerra é nossa aqui dentro, e quem se rir lá fora leva"*.